

a sua nacionalidade, tudo será possível em relação ao muito que a pátria lhes deve. E porque muito fizeram, e porque a Nação, reconhecendo-lhes a reserva um lugar impercível entre os que não pediram sentença e não exigiram recompensa, sabem o que voltar quando a oportunidade do repêto chegar até eles.

Quase dez meses a serviço da Pátria

Diante da casa modesta da rua Maria Amalia, o menino que nos acompanhava pára e informa que era ali a residência da enfermeira que havia chegado ontem da Itália. Na parte fronteira à residência, mãos carinhosas enfeitaram com bandeiras verdes e amarelas o portão batido pelo tempo. Havia um aspecto de festa num misto de carinho, de tanta e tão nobre simplicidade, que, dir-se-ia, era a própria saudade que falava pela voz do tempo que agora voltava na presença do ente querido.

Veio nos atender em pessoa a enfermeira Srta. Maria Belém Landi. Disse-nos que serviu durante nove meses e meio na Itália, em hospitais de Pisa, Pistoia, Corvello, Marzabotto, Parola, etc. Era samaritana da Prefeitura e antes de ingressar no Corpo de Saúde do Exército, trabalhava nos Laboratórios Raul Leite. Deixou o Brasil no dia 23 de agosto de 1944 e desde então sempre esteve em serviço ativo, ora em um hospital de campo, ora em outro. Trabalhava em cirurgia. Ultimamente — acrescenta — sua maior atividade era na recuperação de prisioneiros alemães.

Atenderam também as enfermeiras a muitos civis e crianças italianas. Informa, depois, que os americanos jamais deixaram de atender aos feridos inimigos, facto este que ecoou muito simpaticamente entre os nazistas prisioneiros. Depois referiu-se aos dias tenebrosos de Monte Castello, nos quais eles chegaram e trabalharam vinte e quatro horas, sem tempo para refeições nem para descanso. Apesar de estar a duas horas do "front" propriamente dito, só tinham notícias de combates através do número de feridos que chegavam. Depois de elogiar a cooperação de médicos e enfermeiras norteamericanos, e ressaltar o magnífico controle que os nossos aliados possuem sobre pessoal e material, informou-nos, a uma pergunta nossa, que a morte de Roosevelt havia trazido para os norteamericanos e brasileiros maior emoção do que mesmo a notícia do fim da guerra.

Os "partisanos"

Poucas foram as vezes que a enfermeira Maria Landi deixou seu hospital para passear pelas cidades italianas. As que o fez, porém, bastaram para que ela tivesse uma noção da vida italiana contemplada do plano exterior

Americana, que trabalhavam juntas. Após ligeiro restabelecimento, segui para Pisa, onde, no 38 Hospital de Evacuação, surgiram os primeiros casos de ferimentos por explosão de minas e acidentes de veículos. Nessa cidade, foi onde as primeiras tropas brasileiras entraram em contacto com o inimigo e logo chegaram grandes baixas de feridos, procedentes do "front". Fiquei — continuou a senhorita Portocarrero — impressionada com a ação do nosso pessoal! São fantásticos os nossos homens. Desprezam tudo que é perigo e empenham-se na luta como verdadeiros bravos. Todos esses nossos patriotas merecem os mais francos elogios, não só pela sua bravura como pela disciplina e conduta moral e cívica. Basta dizer que nunca precisei repreender um dos meus doentes. Todos eles, leve ou gravemente feridos suportavam com estoicismo lancinantes sofrimentos.

Falando sobre a situação do povo italiano, disse:

Muito tem sofrido e ainda vai sofrer muito mais. Depois, referindo-se à Itália, comentou: É bela aquela terra. Estou maravilhada com aquela país, mas...

A enchente em Pisa

A senhorita Portocarrero fez na guerra vários dos seus parentes inclusive o tenente Herald e capitão Helio Portocarrero este ferido em Montezze, e ainda, o tenente Maurício.

— Os senhores não imaginem, continuou falando, o que foi a enchente em Pisa. Eram precisamente, 19 horas, do dia 2 de novembro do ano passado, quando fomos advertidas pelo chefe do Hospital que o Arno iria transbordar. Pouco depois de nos deitarmos fomos despertadas pela enchente. Entramos em ação, em serviço de salvamento dos nossos feridos. A água invadiu todo o Hospital. Perdemos tudo. Nem os aparelhos de Raios X conseguimos salvar. Até nossas bagagens foram levadas pela avalanche de água que invadiu a cidade. Conseguimos apenas salvar nossos feridos e a cama de rolo onde dormíamos.

Os nossos doentes — continuou — foram transferidos para Livorno, na mais perfeita ordem. Nessa cidade funcionava o "7° The Station Hospital". Os médicos foram transferidos para os acampamentos e nós, enfermeiras, para o Hospital de Florença. Pelos serviços que prestamos no mistério do salvamento dos nossos doentes, fomos elogiadas pelo coronel Dr. G. T. Wood, chefe general do 38° Hospital.

Feridos do assalto à Monte Castello

— De Pisa — continuou — fomos diretamente para Pistoia, onde recebemos os primeiros feridos brasileiros, provenientes do assalto de Monte Castello. Nessa ocasião é que muito fiquei impressionada com o moral e a bravura dos nossos soldados. São fantásticos! Os senhores não